

PENNY  
VINCENZI

Uma Herança  
Perfeita

Tradução de Gabriela Pilkington

## Prólogo

Então... era assim.

Era o fim, de um certo modo. Dissesse-se o que se dissesse, a Farrell, que tinha sido o trabalho de uma vida inteira – o amor da sua vida, na verdade –, ia deixar de existir.

Aquele projeto radiante, animado e jubiloso que tinha nascido no ano da coroação, e que ela e Cornelius tinham criado juntos, ia sair do seu controlo. Deixaria de ser o seu tesouro, o seu conforto, o seu equilíbrio. Acima de tudo, o seu equilíbrio mental; nos primeiros meses depois da morte de Cornelius, na sua dor vazia e imensa, ela tinha-se-lhe dedicado de corpo e alma. «Como é maravilhoso que continue a trabalhar sem descanso, tinham dito as pessoas, é extraordinário que continue assim.» Mas o que teria sido extraordinário, isso sim, era não ter continuado a trabalhar e ter desistido, porque então a dor e a solidão tê-la-iam engolido e ela teria acabado sem nada na vida.

«É bom ter os seus filhos tão perto», diziam-lhe, e ela sorria educadamente e respondia sim, de facto – mas o que os filhos lhe podiam dar era nada, comparado com o seu trabalho. O que eles sentiam por ela dificilmente podia ser considerado amor. Tinha sido uma mãe desatenta e desleixada, demasiado dura com a menina apagada que tinha sido Caroline e o menino tímido que fora Bertie. Além disso, como era frequente nos casamentos felizes, os filhos nunca deixaram de ser estranhos, intrusos até, na relação dessas duas pessoas que teriam sido felizes mesmo sem eles. A House of Farrell, essa sim, *essa* era digna do casal brilhante que eles tinham sido; não os dececionou nunca: era o seu orgulho e a sua felicidade.

No começo, ela e Cornelius tinham sido estrelas na cena social da época: considerados inteligentes, audaciosos e criativos, tinham dinheiro, estilo e elegância. O seu círculo social – abrangendo simultaneamente o sistema estabelecido e a nova e artística aristocracia do final dos anos 50, início dos 60 – era divertido, original e interessante. Eram donos de uma casa em Knightsbridge, em Londres, e de um apartamento de fim de semana num dos prédios de estilo *Regency* de Brighton, e alternavam entre uma e outro. Visitavam Paris e Nova Iorque com frequência, na procura constante de inspiração, deixando os filhos ao cuidado das amas e dos colégios internos.

Tinham-se casado absurdamente jovens – Cornelius com vinte e três, ela com vinte e um –, mas tinham sido felizes desde o início. A criação da House of Farrell fora uma consequência natural, quase inevitável, desse sucesso.

A ideia tinha sido de Cornelius. Fascinado pelas novas áreas do marketing e da publicidade, com uma fortuna herdada do padrinho banqueiro e com um emprego pouco exigente no banco deste, Cornelius era um empresário em busca de um projeto. O destino providenciou-lhe um: a mãe, ex-atriz e excêntrica, que fazia os seus próprios cremes em casa e passava uma hora todas as manhãs e outra todas as noites a transformar um rosto banal em algo de grande beleza. Cornelius tinha sugerido à jovem encantadora com quem se casara que investissem a herança numa empresa de cosmética que pudessem gerir juntos.

– Tu ficas a cargo da gestão, minha querida, e eu continuo no banco até a empresa dar dinheiro suficiente para nos sustentar. – Nenhum deles jamais duvidou de que a House of Farrell iria fazê-lo.

Compraram a receita básica dos cremes à então ex-Mrs. Farrell, que fugira do marido académico, montaram um pequeno laboratório e contrataram um químico genial que havia estagiado com Monsieur Coty em Paris. Recriaram não só o creme de rosto – batizaram-no The Cream, que era (conforme a publicidade de então) «a única coisa de que a sua pele realmente necessita» –, como também *bâtons* e vernizes de unhas e, alguns meses mais tarde, acrescentaram à gama um pó compacto e uma base (de nome The Foundation).

Reconhecendo que dificilmente poderiam competir com as grandes marcas – a Revlon, a Coty e a Yardley –, transformaram uma modesta papelaria de artigos feitos à mão na Berkeley Arcade numa das lojas mais

bonitas da galeria. Montaram o salão de beleza no primeiro andar e abriram as portas da loja, literalmente, para o mundo. Tiveram sorte: caíram nas graças e nas vistas da imprensa, e muitas críticas elogiosas surgiram, excedendo as melhores expectativas. A revista *Tatler* declarou que o salão era «o lugar onde a mulher podia descobrir a sua verdadeira beleza», a *Vogue* disse que era «paragem de charme obrigatória para os cuidados com a beleza» e a *Harper's Bazaar* anunciou que era «o lugar onde a mulher vai descobrir o seu novo rosto». Cornelius, depois de bajular a editora de beleza da revista durante um almoço caríssimo no Le Caprice, converteu esta última frase no *slogan* publicitário da loja. Divulgou também o salão ao público através de cartazes e, de modo mais polémico, contratou homens ensanduichados em cartazes que anunciavam a loja como «A Joia Mais Bela da Coroa de Londres» – e as pessoas afluíram em enchente ao salão. Beneficiaram em parte da grande onda de otimismo e criatividade que estava a surgir nesse verão, nascida da coroação da jovem e bonita rainha Isabel II, e do fim, não sem tempo, da economia de guerra. O *bâton* DeLuscious foi a sua primeira grande campanha, tornando-se parte do vocabulário feminino durante alguns meses vertiginosos, e o resto rapidamente fez a história da Farrell.

A empresa vacilou durante os anos 80, esmagada pelos cosméticos de cores deslumbrantes e pelos cremes dermoprotetores de base científica financiados pelas grandes e abastadas marcas. Recuperou brevemente nos anos 80 e, no ano da morte de Cornelius, em 2006, quase desapareceu por completo, tendo sido salva apenas pela tenacidade de Athina.

Agora, tendo ficado para trás nessa maratona fomentada pelo dinheiro que era a indústria da beleza, a Farrell – até Athina tinha consciência disso – precisava desesperadamente de ajuda: financeira, sem dúvida, mas criativa também. Porque, embora ela preferisse juntar-se a Cornelius no túmulo a admiti-lo, a sua visão já não era perfeita. Não gostava, e também não compreendia, da pseudociência promovida pelos grandes laboratórios dos gigantes da cosmética. Sentia-se desatualizada, quase desorientada, e, apesar de sentir uma profunda hostilidade em relação aos novos colegas (recusava-se a pensar neles como donos da empresa), tinha ao mesmo tempo uma contraditória sensação de alívio pela chegada deles.

Mas... ia ser um processo doloroso. Eles iam preocupar-se muito pouco com o que tinha feito da Farrell uma grande casa, com aquilo que a empresa tinha simbolizado. A única coisa que lhes ia importar eram as

colunas cinzentas do lucro e do prejuízo. E ela ia ter de ceder... até um certo ponto.

Ainda assim, ia continuar a lutar, ia permanecer fiel à Farrell, não ia desistir. A empresa tinha feito tudo por ela – e ela não ia deixá-la ficar mal agora, não mais do que o necessário.

# Capítulo 1

O que aconteceu foi amor à primeira vista: arrebatador, transformador, surpreendente. Tinha-lhe acontecido apenas duas vezes na vida até então, essa sensação de constatar que algo está absolutamente certo para ela, de saber exatamente quem é e o que quer ser e fazer. Não tinha hesitado, não se tinha feito de difícil, não tinha dito que ia pensar, só sim, claro que sim, claro que gostaria muito; depois, tinha olhado para o relógio e visto que já estava atrasada para a reunião do conselho de administração e, despedindo-se rapidamente, saíra do restaurante.

A primeira coisa que fez logo a seguir, no táxi, foi telefonar ao marido; era sempre o que fazia, ele precisava de saber e ela precisava de lho dizer. Ele era uma parte importante de tudo, a vida dele seria tão afetada como a dela. Ele ficou contente – ela já o sabia – e disse que ia gostar de ouvir todos os detalhes ao jantar. Mas ela lembrou-o que ia chegar tarde para o jantar; ele suspirou ao de leve e disse «bom, esperarei por ti, não importa as horas».

*É um homem verdadeiramente amoroso*, pensou ela. Era uma mulher com muita sorte.

– Correu muito bem. – Hugh Bradford recostou-se e pediu um *brandy*; como não tinha por hábito beber álcool ao almoço, bebera apenas água e um pouco de champanhe para selar o acordo. Tinha-lhe apetecido, mas resistira; era impossível imaginar que Bianca Bailey permitisse que um pequeno gole de álcool – na verdade, ela tinha bebido vários goles de champanhe, mas ele sentira claramente a sua relutância – turvasse a clareza cristalina do seu raciocínio.

Pensou por momentos – talvez inevitavelmente, porque ela era muito atraente –, se alguma vez ela cedia o controlo ou, pelo menos, se alguma vez o perdia inadvertidamente. Depois voltou à realidade; esses devaneios não faziam sentido na sua relação com Bianca.

– Sim, excelente. – Mike Russell, seu colega de há muitos anos, acenou a cabeça em direção à garrafa de *brandy*. – Agora, só nos resta vendê-la à família.

– A família não tem outra opção – disse Bradford –, mas acho que vão gostar dela. Ou, pelo menos, da *ideia* de a ter na empresa. Melhor do que ter um homem qualquer, irão com certeza pensar. Vamos marcar uma reunião para o início da semana que vem?

– Ou final desta? Temos muito pouco tempo a perder.

– Pois então, vou conhecer a família e o conselho de administração da Farrell esta sexta-feira – disse Bianca ao marido nessa noite. – Sexta à tarde. Mal posso esperar. É uma organização fantástica, Patrick, parece saída de um filme de Hollywood.

– Ah, sim?

– Sim. Há uma matriarca. Claro. Há quase sempre uma matriarca em qualquer negócio de cosméticos...

– Ah, sim? – repetiu Patrick.

– Bem, sim. Pensa lá: Elizabeth Arden, Estée Lauder, Helena Rubinstein...

– Creio que qualquer comentário meu sobre a indústria cosmética terá pouco valor – disse ele. – Não percebo nada da área, de momento. Mas suspeito que isso estará prestes a mudar.

– Talvez esteja. É uma indústria que é preciso respirar e experimentar para a compreender. Resumindo: ela, a matriarca, Lady Farrell, fundou a empresa em 1953 com o marido, que morreu há cinco anos (muito triste: pelos vistos, era um casamento de muito amor, durou quase sessenta anos). Há uma filha e um filho no conselho, que, pelos vistos, não fazem grande coisa, e há outra velhota chamada Florence Hamilton, que está na empresa desde o início e também faz parte do conselho, presumo que só por causa dos velhos tempos.

– Ah, sim? É um negócio totalmente de família.

– Pois, então, de momento, eles detêm todas as ações, e ela não vai ceder sem dar luta, mas não vai ter outra opção porque estão de tal modo

endividados que o banco está prestes a fechar a torneira. De qualquer maneira, eu – bem, nós, eu, o Hugh e o Mike – achamos que a empresa tem alguma magia. Estou morta por começar a trabalhar. Vai ser uma longa reunião, disso não tenho dúvida. Importas-te?

– Claro que não. Vou levar as crianças a ver o filme do Tintim. Como disseste que não querias ir...

– E não quero – confirmou Bianca. – Ia ser uma grande maçada.

– Então, está bem – disse Patrick Bailey com ligeireza.

Bianca Bailey, na gíria dos negócios, era uma estrela *rock*. O palco onde atuava não era exatamente a O2 Arena ou o estádio de Wembley, mas o mundo da alta finança, e o seu sucesso era medido em balanços e ações. Uma espécie de Midas em versão feminina, com fama notável de recuperar empresas, ela era, aos 38 anos e por ser extremamente atraente, uma dádiva para qualquer equipa de comunicação com quem trabalhasse. Era alta (quase um metro e oitenta, descalça), magra, sofisticada e, sendo morena de olhos grandes e cinzentos, muito fotogénica. Era também extremamente eloquente e charmosa, feliz no seu casamento, com três filhos encantadores. Tinha uma casa esplêndida em Hampstead, além de, não surpreendentemente, um casarão no campo, em Oxfordshire, que ela teimava em chamar, algo incorretamente, «casinha de campo». Eram vários os amigos deles que diziam que, não fossem os Bailey tão simpáticos, seriam profundamente insuportáveis.

Desde há algum tempo que Bianca andava a pensar no seu projeto seguinte. Tinha acabado de ter um papel crucial no sucesso da venda da empresa onde era diretora executiva – uma marca de produtos de higiene pessoal até então vista como de baixa qualidade –, quando Mike Russell da Porter Bingham, uma empresa de capitais de investimento de risco, a tinha contactado para a convidar para um café e dois dedos de conversa. Já tinham trabalhado juntos antes, por isso, ela sabia que isso significava que eles tinham um desafio para si, sob a forma de mais uma empresa em dificuldades a precisar das suas fabulosas capacidades.

O projeto que eles lhe apresentaram era intimidante e, para Bianca, intimidante era uma qualidade irresistível.

– Eles abordaram-nos – explicara Mike Russell. – Bom, o filho, Bertram,

abordou-nos. Tem bem cara de Bertram, mas é simpático quanto baste. Têm tido prejuízos de cinco milhões por ano, mas há ali um grande potencial, especialmente se tu estiveres envolvida no projeto. Provavelmente, o objetivo será vender a empresa dentro de cinco a oito anos. Faz a tua análise e diz-me o que pensas.

E Bianca assim fez, arrepiando-se ao analisar as contas da empresa e a situação da marca, mas verificando que, de facto, havia potencial. O resultado tinha sido o almoço no Le Caprice e o acordo entre ela e a Porter Bingham em avançar com um investimento na Farrell.

– Eu acho que é possível transformar este prejuízo de cinco milhões de libras esterlinas num lucro anual de dez milhões no prazo de cinco anos – afirmara ela. – Mas vocês vão ter de investir um total de cerca de treze milhões; dez deles imediatamente e outra tranche de dois ou três milhões mais tarde, para completar o projeto de desenvolvimento; mas, sim, creio que é possível.

Ela sorriu-lhes: um sorriso bem aberto, ao estilo Julia Roberts. Ela gostava dos dois. Hugh era extremamente bem-parecido, de um modo tradicional e conservador. Pensava muitas vezes que era bom ele não ser o tipo de homem por quem ela se sentia atraída, ou não fosse ela, às vezes, tomar decisões não completamente profissionais. Tinha consciência, no entanto, de que nunca vacilara no trabalho por considerações pessoais. Era uma das muitas razões do seu sucesso.

– Estou mesmo entusiasmada com isto – tinha dito a Patrick, quando chegou a casa, depois daquela primeira reunião –, mas gostava de ter o teu aval. Vai ser ainda mais duro do que a PDN. O que achas?

E Patrick respondera que, se era isso que ela queria realmente, então era claramente isso que tinha de fazer, e resistiu à tentação de lhe perguntar o que ela faria se ele não lhe desse o aval. Bianca fazia o que queria, sempre.

Ele sabia o que o esperava: como com qualquer projeto de Bianca, haveria muitas noites solitárias, porque o empenho dela numa nova empresa equivalia quase a uma obsessão. Ele aguentava a situação por duas razões: achava bastante interessante observar a progressão do projeto do seu ponto de vista privilegiado e imparcial, e, porque amava Bianca, queria que ela se sentisse feliz.

Não era dado a introspeções tortuosas – era filho único, com toda

a autoconfiança que essa circunstância implicava. «Não somos como as outras pessoas», dizia Patrick com frequência e com razão.

Bianca também não tinha irmãos e, no início da sua relação, os dois haviam discutido muitas vezes o assunto e o vínculo que os unia. Ela até tinha desencantado estatísticas que sugeriam que os filhos únicos tendem a relacionar-se com outros filhos únicos, «ou com filhos mais velhos, o que vai dar ao mesmo». Acrescentara que estatisticamente têm mais sucesso do que as outras pessoas e são mais ambiciosos. Patrick não estava seguro de que esse fosse o caso dele, mas a última coisa que desejava era que a dinâmica Ms. Wood o visse como uma espécie de fracassado amável. Nem o pai dela, o distinto e muito estimado historiador Gerald Wood – sempre imerso nas suas leis e literatura medievais, mais compreensíveis para ele do que o século XXI, e mais ainda desde a morte da sua querida mulher Pattie, quando Bianca tinha apenas 19 anos.

– Olá, Mr. Bailey. Teve um bom dia?

– Sim, menos mal, Sonia, obrigado. E o seu? – Não podia contar à governanta que o seu dia no escritório tinha sido tão aborrecido que chegara mesmo a adormecer, depois do almoço, em cima da secretária.

– Muito bom, obrigada. Fiz molho à bolonhesa para o jantar... A Mrs. Bailey não vai estar em casa, não é?

– Não, tem uma reunião muito importante amanhã e hoje vai trabalhar até tarde. Eu janto com os miúdos, por isso cozinho o esparguete, não se preocupe.

– Está bem. Então, vou andando. A Ruby já está na cama. A Karen está a ler-lhe uma história e depois também se vai embora.

Karen era a ama de Ruby, que tinha apenas 8 anos. Ela tomava conta da menina desde que esta acabava a escola até ir dormir e, nas férias, cuidava dela a tempo inteiro.

– OK. Obrigado, Sonia. Ah, olá, Milly, como correu o teu dia?

– Já.

– Ah, então, está bem.

– E o teu?

– Oh, muito yayá.

Ela aproximou-se dele para lhe dar um beijo.

– És tão engraçadinho – disse ela, com carinho.

– Tento ser. Já fizeste os trabalhos de casa?

- Claro!
- De certeza?
- Papá! Não sejas chato.
- Fez sim, Mr. Bailey – disse Sonia, sorrindo para Milly. – Fê-los assim que chegou a casa.
- Vês? Obrigada, Sonia.
- E o clarinete, já ensaiaste?
- Também.
- Tu és boa de mais para ser verdade, não és? Onde está o Fergie?
- A jogar na Wii.
- Tss-tss. A regra é que não há jogos antes das sete.
- Papá! Pareces a mamã a falar. Até logo.

E virou costas, de atenção inteiramente voltada para o telemóvel. Patrick sorriu, complacente. Emily, Milly desde o berço, era, aos 13 anos, alta e esguia, tinha cabelo liso, comprido e escuro, e olhos enormes e castanhos; de uma inteligência doce, era encantadora e querida por todos – a miúda que todos convidavam para as festas. Estava no 8º ano do Colégio St Catherine, em Chelsea, uma escola nova para raparigas, academicamente muito exigente. Era também uma instrumentista talentosa (nível 6 de 8, com distinção). A sua única falha era ser um caso perdido em todas as atividades desportivas.

Com 11 anos, Fergus possuía o charme e a aparência de uma boa família; era tão dotado para o desporto como Milly era inábil, fazia parte das melhores equipas do colégio e, por ser inteligente, conseguia sempre manter a bolsa de estudo por um fio.

Patrick dirigiu-se ao seu escritório, no primeiro andar da vasta habitação de estilo vitoriano, e olhou lá para fora, para o igualmente vasto jardim. A entrada avultada para o pagamento da casa tinha sido um presente de casamento do pai dele; as pessoas diziam que esse simples facto era suficiente para deduzir o essencial sobre a família Bailey: rica, feliz, unida e generosa.

Guy Bailey tinha sido corretor da bolsa na época dourada da City, tinha feito fortuna e tinha-se reformado cedo, em 1985 – «mesmo antes do Big Bang, graças a Deus», dizia com frequência. Mudara-se então para uma casa no campo, uma propriedade enorme com vários estábulos, onde transformou o seu *hobby* de sempre, o negócio das antiguidades, numa ocupação «a meio tempo» (assim gostava de o definir).

Patrick tinha saído da Universidade de Oxford com uma nota final respeitável em Economia e fora trabalhar na empresa de contabilidade do tio, sediada no Strand, em Londres. Aí, fora-lhe atribuído um gabinete ostentoso e um salário excelente, e era estimado igualmente por colegas e clientes. Calmo e charmoso como sempre era, tinha-se saído bem. Provavelmente por achar o trabalho pouco estimulante, teria deixado a empresa passados poucos anos, mas entretanto tinha conhecido Bianca Wood, por quem se apaixonara, e no mundo de Patrick não se pedia uma mulher em casamento se não se lhe pudesse oferecer uma casa simpática numa área simpática e se não se tivesse um bom salário para a sustentar, no caso de ela escolher não trabalhar ou quando tivesse filhos. Não se sentia infeliz na Bailey Cotton & Bailey, mas o trabalho também não o entusiasmava muito. Isso, porém, não o tinha impedido de pedir Ms. Wood em casamento em 1995 e de casar com ela no ano seguinte.

Tinha-a conhecido num jantar da City e imediatamente se sentira enfeitiçado por ela; ela era vivaz e eloquente, e tinha-o achado claramente interessante também. Contara que era gestora de marketing numa empresa de produtos de higiene pessoal.

– Pasta de dentes e desodorizantes podem não ser muito empolgantes, mas o ano passado trabalhava com detergentes em pó, por isso, é um grande passo em frente. Além disso, o que me entusiasma não é o produto, é o que se pode fazer com ele. Fazer com que o gráfico das vendas se movimente na direção certa não tem comparação com nada!

Ele convidou-a para jantar e conversaram durante tanto tempo que, quando se deram conta das horas, os empregados estavam a empilhar as cadeiras em cima das mesas. Depois, foi a vez de ela o convidar para jantar na sexta-feira seguinte.

– Desta vez, sou eu quem paga. Não, não é assim que eu funciono, desculpa. Não gosto de parasitas.

Vê-la assinar o recibo da conta foi algo penoso para Patrick, mas, se houve embaraço da parte dele, não durou muito tempo, porque daí a três meses estavam a viver juntos.

Quando se casaram, em 1996, Bianca já tinha mudado de emprego duas vezes. Continuou a trabalhar até à semana anterior ao nascimento

de Milly e voltou ao trabalho quatro meses depois; quando Fergie se juntou à família, dois anos mais tarde, ela ficou em casa apenas três meses. Isto não queria dizer que fosse má mãe – era extremamente carinhosa e profundamente atenciosa com os filhos –, apenas que funcionava melhor matematicamente se tivesse mais alguma coisa para fazer. Quando Ruby fez sentir a sua presença embrionária, não planeada, dezoito meses depois de Fergie, Bianca não tomou a decisão de terminar a gravidez, como outras mulheres talvez tivessem feito e, ao invés, recebeu Ruby de maneira determinada.

Os filhos não pareciam de modo nenhum ter sido afetados: eram todos inteligentes, encantadores e cheios de confiança. Por vezes, Patrick pensava que seria bom se ela mostrasse um pouco mais de interesse nele e no seu trabalho, mas, ele mesmo dizia, o seu trabalho tinha muito pouco interesse. Era agora sócio da empresa, muito bem pago, tinha um horário reduzido – o mesmo não se podia dizer do de Bianca – e, de uma maneira geral, não se importava de ser o alicerce da família. Era de um trato extraordinariamente fácil. Quando Milly tinha 5 anos, Bianca tinha sido promovida a diretora de vendas e marketing de uma empresa de tecidos. Foi então que o seu salário ultrapassou o de Patrick e Patrick não se importou com isso... muito. Bianca costumava arrelia-lo por isso.

– Querido! Este dinheiro é nosso, tal como o teu; paga a nossa vida, a nossa família, que importa se eu ganho mais?

Uma vez, mais bebido do que devia, ele perguntara-lhe se ela deixaria o emprego dela se ele o desejasse verdadeiramente; debruçando-se do outro lado da mesa, Bianca respondera:

– Claro, querido, se realmente o quisesses, mas tu não ias querer isso, pois não? Tu não és assim. E é por isso que eu te amo.

E amava-o, muito. Do mesmo modo que Patrick a amava a ela.

## Capítulo 2

Bianca Bailey costumava dizer que as reuniões, como a vida, não eram ensaios. Mesmo curtas, eram importantes e precisavam de atenção adequada e preparação cuidadosa.

A reunião marcada para essa tarde, em que ela, Hugh Bradford e Mike Russell tentariam persuadir a família Farrell a apoiar o projeto deles, era extramente importante e, por isso, os três tinham passado vários dias a planeá-la ao pormenor.

Bianca tinha sido perspicaz na escolha da sua roupa para a ocasião: vestia um casaco de malha por cima de um vestido, em vez do seu habitual fato calças e casaco; trazia o cabelo solto pelos ombros, em vez de puxado para trás num rabo de cavalo; e estava mais maquilhada do que o costume. Os Farrell iam conhecer uma mulher que gostava de cosméticos e de se vestir bem, uma mulher em sintonia com o mundo deles, e não uma figura andrógina impaciente cujas únicas preocupações eram contas e números. Seria importante mostrar-lhes que, para além do aspeto financeiro, ela se preocupava com a Farrell e os seus produtos. Como ela mesma dizia, ela *percebia* a empresa. Entendia a magia da marca mas, ao mesmo tempo, tinha perfeita consciência de que tinha de mostrar resultados de modo a sobreviver. Eles tinham sorte em tê-la neste projeto, pensou Hugh.

Athina Farrell também se tinha vestido com cuidado. Podia ter 85 anos, mas era ela ainda que detinha o controlo total da Farrell e acreditava que isso devia ser demonstrado de todas as maneiras possíveis, a começar pela sua aparência. Tinha um vestido de malha azul-marinho Jean

Muir, de comprimento até meio da perna, e sapatos de camurça vermelha (ambos lhe realçavam as pernas ainda bem torneadas). O cabelo prateado estava apanhado num carrapito perfeito, a maquilhagem subtil mas eficaz, as joias cuidadosamente escolhidas: uma gargantilha de pérolas que Cornelius lhe tinha oferecido aquando dos trinta anos de casamento, os brincos de pérola Chanel, o relógio Tiffany que os pais lhe tinham dado pelo seu vigésimo primeiro aniversário e os dois anéis de diamantes – um de noivado e o outro, idêntico, que Cornelius mandara replicar pelas suas bodas de ouro. *Aquela gente*, pensava ela com desdém, *não vai encontrar uma velha decrépita, mas sim uma mulher elegante e determinada*. Dirigia a House of Farrell há quase sessenta anos e a possibilidade de ceder uma parte tinha sido, até muito recentemente, simplesmente impensável.

No entanto, fora obrigada a encarar o facto de a empresa estar a aproximar-se da bancarrota e precisar de ajuda. Mas essa ajuda teria contrapartidas. A Farrell ia ter de pagar um preço. A sua preocupação maior era, agora, que esse preço fosse o mais baixo possível para que a profunda dor causada por essa cedência fosse de algum modo compensada.

Tinha sido convencida, portanto, a encontrar-se com os representantes da Porter Bingham, a empresa de capital de risco, nessa sexta-feira fria de janeiro, mas o seu estado de espírito era de intrepidez, oposição e... hostilidade total.

Tinha convocado os seus dois filhos e Florence Hamilton para o que chamou de «briefing», o que significava que queria comunicar-lhes previamente o que eles deveriam dizer e fazer durante a reunião. Os três eram membros do conselho de administração: Bertram, conhecido por toda a gente como Bertie, era diretor-geral e financeiro; Caroline, para os mais próximos Caro, para os outros Mrs. Johnson, era secretária da sociedade e diretora de pessoal; e Florence, conhecida simplesmente por Florence, era diretora e responsável pelo património da empresa.

Athina estava convencida de que nenhum deles merecia estar na administração; não fossem eles filhos dela – ou, no caso de Florence, não fizesse ela parte da Farrell desde o começo, tal como ela própria e Cornelius – provavelmente não estariam mesmo. Bertie e Caro eram os dois razoavelmente inteligentes, mas ambos careciam do instinto e do talento para continuar aquilo que ela e o marido tinham criado. Florence possuía o instinto e o talento, mas faltava-lhe garra. Na verdade, nunca fora

a favor da sua nomeação para a administração; a ideia tinha sido de Cornelius e ela, muito doente na altura, não teve forças para se opor.

Era preciso lidar com a nova situação o melhor possível. Chamou-os, portanto, ao seu apartamento em Knightsbridge e, durante um almoço ligeiro, notificou-os:

– Temos de nos apresentar como uma frente unida. É absolutamente crucial. Não há lugar a divisões ou submissões. É óbvio que os nossos advogados, Walter Pemberton e Bob Rushworth, vão estar presentes e...

– Acha que eles estão à altura de uma situação destas? – perguntou Caro.

Athina reiterou toda a sua confiança neles.

– Afinal, eles estão connosco desde o início. Foi o Cornelius quem os contratou, e ele sabia muito bem identificar um bom advogado.

– S-sim... – respondeu Caro – mas com todo o respeito, mãe, isso foi há sessenta anos.

– Caro – replicou Athina, e era evidente que não ia haver mais discussão sobre este assunto –, o Pemberton e o Rushworth não se vão deixar enganar. E quanto a essa rapariga, essa Bianca Bailey, não faço ideia de como ela é, porque não a conheço, mas é óbvio que tem tido alguns resultados e que conhece a indústria. O que fez com a PDN foi de alguma inteligência, mas é melhor que eles não pensem em vender a Farrell. Temos de conservar a maioria das ações. Isso é inegociável.

– E também não podem cortar em tudo e transformar a empresa numa coisa forreta qualquer – disse Caro bruscamente. – E que nem pensem em vender a loja. Tenho a certeza de que é precisamente esse tipo de coisas em que eles vão querer economizar.

A loja a que todos se referiam, na Farrell, era a loja exclusiva da marca na Berkeley Arcade, a famosa galeria de lojas do século XIX no centro de Londres. A galeria era um chamariz para os turistas e as suas lojas ainda se anunciavam «provedores exclusivos» de joalharia, artigos em pele, camisas à medida e outros deleites do género. A loja Farrell, de portas e janelas envidraçadas, era pequena e encantadora. Para além de vender a gama de produtos Farrell, também oferecia tratamentos faciais e albergava o gabinete de Florence. O aluguer da loja tinha passado do pai de Cornelius para o filho e era vista por todos como o tesouro da empresa. Não dava lucro absolutamente nenhum.